

INTERPRETATIVISMO E COMPLEXIDADE NA LINGUÍSTICA APLICADA: PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS, IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS E AGENDAS DE PESQUISA

Ana Cleris Saraiva Nunes¹
Universidade Federal do Maranhão-UFMA

Resumo

Este artigo discute as interfaces entre a perspectiva interpretativista e o paradigma da complexidade como fundamentos epistemológico-metodológicos para a pesquisa em Linguística Aplicada (LA) contemporânea. A partir de um ensaio teórico e revisão narrativa, ancorado em autores como Morin, Moita Lopes e *Pennycook*, este trabalho articula três eixos principais: (i) pressupostos ontológicos e epistemológicos que sustentam a pesquisa qualitativa; (ii) implicações metodológicas para a investigação situada, como a micro etnografia e a análise interpretativa recursiva; e (iii) consequências para as agendas de pesquisa e a formação docente. Argumentamos que a LA, enquanto campo indisciplinar, beneficia-se de uma postura recursiva e dialógica que rejeita reducionismos e privilegia a emergência de sentidos em contextos situados. Concluimos com um quadro de princípios operacionais para delinear pesquisas interpretativistas-complexas, oferecendo uma contribuição para o desenho de estudos mais sensíveis à contingência e pluralidade do fenômeno da linguagem.

Palavras-chave: Epistemologia Interpretativista. Indisciplinaridade. Linguística Aplicada. Pensamento Complexo.

1. INTRODUÇÃO

A linguagem, em suas múltiplas formas e usos, constitui o tecido fundamental das práticas sociais e da experiência humana. Contudo, na contemporaneidade, a pluralidade de contextos de comunicação, a instabilidade dos dados e a contingência das interações sociais têm tensionado as abordagens tradicionais de pesquisa. A Linguística Aplicada (LA), ao se posicionar na intersecção entre a teoria da linguagem e os problemas sociais mediados por ela, exige quadros teórico-metodológicos capazes de abarcar essa realidade fluida, emergente e multifacetada. É nesse sentido que o diálogo entre o Interpretativismo e o Paradigma da Complexidade se torna urgente, oferecendo ferramentas conceituais para superar o reducionismo e o positivismo herdados de matrizes científicas clássicas.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras/UFMA). Professora da Rede de Ensino Básico da cidade de Vitória do Mearim, Maranhão. Email: ana.cleris@discente.ufma.br

² João da Silva Araújo Junior-Doutor em Linguística e Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras/UFMA). Email: joao.junior@ufma.br

O presente ensaio teórico busca responder à seguinte questão norteadora: Que convergências epistemológicas e metodológicas emergem do diálogo interpretativismo-complexidade em Linguística Aplicada, e como elas podem informar o desenho da pesquisa qualitativa no campo? Para tal, refletiremos sobre como a Linguística Aplicada contemporânea se define como campo indisciplinar, destacando o papel central da linguagem como prática social. Em seguida, aprofundaremos os pressupostos do Pensamento Complexo (Edgar Morin) e da perspectiva interpretativista à luz de Guba & Lincoln; Schwandt, para citar alguns, buscando seus pontos de intersecção. Por fim, delinearemos implicações concretas para a metodologia.

Este trabalho configura-se como um ensaio teórico sustentado por uma revisão narrativa da literatura. Não se trata de uma pesquisa empírica, mas de uma articulação crítica de pressupostos filosóficos e metodológicos que buscam enriquecer o debate epistemológico na LA. Ao fazer um comparativo e princípios operacionais para o desenho de pesquisa, o estudo visa contribuir diretamente para a transparência e a coerência entre o referencial teórico e a prática investigativa de pesquisadores do campo.

1. LINGUAGEM, CONHECIMENTO E INDISCIPLINARIDADE NA LA CONTEMPORÂNEA

A Linguística Aplicada (LA) contemporânea se define pela sua capacidade de romper com fronteiras disciplinares rígidas, posicionando-se como um campo de investigação crítica e ética sobre a linguagem em uso. Esse reposicionamento afasta-se da visão inicial, instrumental e tecnicista da LA, que se limitava à "aplicação" de teorias da Linguística Estrutural (como a de Saussure, que focava na dicotomia *língua versus fala*) a problemas práticos (como o ensino de línguas estrangeiras).

Na virada do século XXI, a LA adotou uma postura que Moita Lopes (2006) cunhou de *indisciplinar*, no sentido de que o campo se estabelece a partir dos problemas sociais e não das disciplinas acadêmicas. O foco deixa de ser a *descrição* do sistema linguístico (o objeto clássico da Linguística formal) e passa a ser a *compreensão* das práticas sociais mediadas pela linguagem, em sua complexidade histórica, ideológica e cultural.

Neste novo panorama, a linguagem é compreendida como prática social e situada, diferente de um sistema abstrato e homogêneo (*língua*), a linguagem é vista como ação, ou seja, um conjunto de práticas discursivas que constituem identidades, relações de poder e sentidos específicos em contextos. Autores como Pennycook (2001), Moita Lopes (2006), defendem a Linguística Aplicada Crítica ao afirmarem que toda prática de linguagem está imersa em

relações de poder e desigualdades sociolinguísticas, exigindo, portanto, uma análise crítica e política. Já como multimodal e heterogênea, a comunicação não se restringe à modalidade verbal, abrangendo o visual, o sonoro e o corporal.

A heterogeneidade é a regra, e não a exceção, o que implica que a variação e as tensões sociolinguísticas (BAGNO, 2014) são dados constitutivos da realidade a ser pesquisada. Como Sistema dinâmico e emergente, conforme explorado por Larsen-Freeman e Cameron (2008), a linguagem pode ser vista como um Sistema Adaptativo Complexo (CAS), no qual padrões e estruturas não são fixos, mas sim emergentemente negociados pela interação dos agentes. O conhecimento, nessa perspectiva, é sempre interpretativo, provisório e contingente.

Assumir a Linguística Aplicada como campo indisciplinar e crítico exige, necessariamente, o alinhamento com pressupostos epistemológicos que endossem essa visão de mundo. A natureza plural, instável e política da linguagem tensiona as abordagens positivistas que buscam generalizações e verdades universais. Portanto, a matriz de investigação deve ser qualitativa, interpretativista e sensível à complexidade inerente aos fenômenos humanos.

2. PARADIGMA DA COMPLEXIDADE: PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS E REFLEXOS METODOLÓGICOS

A palavra paradigma vem do grego “*paradeigma*.” O paradigma da complexidade, conforme proposto por Edgar Morin (2005; 2013), constitui-se como uma alternativa epistemológica ao pensamento simplificador de matriz cartesiana e positivista, cuja lógica fragmentadora mostrou-se insuficiente para compreender a totalidade, a incerteza e a interdependência dos fenômenos que compõem a realidade. A noção de complexidade, derivada do latim *complexus*, que significa “aquilo que é tecido em conjunto,” não se confunde com a ideia de complicação, antes, implica o reconhecimento da interconexão entre os saberes e da natureza sistêmica, relacional e multidimensional de todo objeto de estudo.

No campo da Linguística Aplicada, essa compreensão complexa e relacional do conhecimento contribui para consolidar o paradigma interpretativista, que privilegia o estudo das práticas discursivas em contextos situados e reconhece o papel ativo dos sujeitos na construção de significados. Como destacam Moita Lopes (2006) e Fabrício (2006), a pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada recusa a neutralidade do pesquisador e busca compreender os fenômenos linguísticos e sociais a partir de uma perspectiva situada, ética e dialógica. Assim, a articulação entre complexidade e interpretativismo revela-se fundamental para compreender a linguagem como prática social, atravessada por múltiplas dimensões

culturais, históricas, identitárias e política, que não podem ser apreendidas por meio de modelos lineares ou deterministas.

2.1. O PENSAMENTO COMPLEXO E A RUPTURA COM A CAUSALIDADE LINEAR

A epistemologia da complexidade rompe com a lógica da causalidade linear e do reducionismo, trata do Todo e a Parte, é impossível conhecer o todo sem conhecer as partes, assim como é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo. O conhecimento de um fenômeno, seja a interação em sala de aula ou uma política linguística, exige uma visão que associe e disjunta, reconhecendo os níveis de emergência sem reduzi-los às suas unidades elementares. Já a incerteza e instabilidade não são, na realidade, estáticas ou previsíveis. A complexidade abraça a incerteza e a instabilidade como inerentes aos sistemas (em oposição à certeza e à ordem, pressupostos positivistas).

Para operacionalizar essa visão, Morin propõe três princípios metodológicos que devem guiar o pensamento e a pesquisa, especialmente em contextos de Linguística Aplicada, onde os dados são contingentes. No âmbito do paradigma da complexidade, proposto por Edgar Morin (2005; 2013), alguns princípios orientam a construção epistemológica e metodológica das pesquisas em Linguística Aplicada.

O primeiro deles é o princípio dialógico, que busca unir termos complementares e antagônicos, preservando a tensão entre eles sem reduzi-los a uma síntese simplificadora. Em termos metodológicos, tal princípio convida o pesquisador a acolher a multiplicidade de vozes e perspectivas que emergem no campo empírico, reconhecendo contradições, dissonâncias e incertezas como elementos constitutivos da realidade investigada, e não como falhas a serem eliminadas. Assim, o tensionamento de dados contraditórios e a recusa a uma única “verdade” tornam-se posturas analíticas coerentes com a natureza complexa do fenômeno linguístico-social.

O segundo é o princípio recursivo (ou autoprodutivo), que concebe os processos como dinâmicos e circulares: os produtos e efeitos retroagem sobre as causas, produzindo um movimento contínuo de autoconstrução. Essa concepção rompe com a causalidade linear na qual A causa B e propõe um ciclo em que A produz B, que por sua vez produz A. Aplicado à Linguística Aplicada, esse princípio implica adotar um ciclo analítico recursivo, no qual a coleta de dados informa a análise, que, por sua vez, orienta novas coletas ou reformulações do foco investigativo, num processo constante de refinamento interpretativo.

Por fim, o princípio hologramático sustenta que a parte contém o todo e o todo está inscrito em cada parte, o que conduz o pesquisador a reconhecer, nos microepisódios de interação, como um turno de fala ou um excerto de diário reflexivo, reflexos dos macroprocessos sociais, ideológicos e políticos. Assim, a análise do caso particular revela dimensões da totalidade do sistema, permitindo compreender como fenômenos linguísticos locais se articulam a dinâmicas mais amplas de identidade, poder e cultura.

2.2. A LINGUAGEM COMO SISTEMA ADAPTATIVO COMPLEXO (CAS)

A integração da complexidade na LA foi profundamente influenciada pelo trabalho de Larsen-Freeman e Cameron (2008) e Ellis e Larsen-Freeman (2009), que postulam a Linguagem como um Sistema Adaptativo Complexo (CAS). Nessa visão, o aprendizado, o ensino e o uso da linguagem são fenômenos não-lineares, caracterizados pela emergência dos padrões (gramaticais, discursivos), não são impostos de fora, mas emergem das interações e usos dos agentes (falantes).

Na Interação, o sistema é definido pela interação dos seus agentes e componentes. Pequenas mudanças nas interações podem levar a grandes, imprevisíveis, e não-lineares efeitos no sistema. Já na Auto-Organização, é a linguagem que tem a capacidade de se organizar e adaptar a partir do uso, sem a necessidade de um controle central rígido.

Em termos metodológicos, adotar a complexidade impõe uma abordagem sensível ao caso, que prioriza a modelagem de padrões emergentes em vez da generalização estatística. Isso implica a necessidade de métodos que permitam observar o processo em andamento, favorecendo estudos de caso longitudinais, microanálise interacional e as múltiplas lentes para mapear a teia de relações que constitui o fenômeno linguístico.

3. A PERSPECTIVA INTERPRETATIVISTA: ONTOLOGIA, EPISTEMOLOGIA E PROCEDIMENTOS QUALITATIVOS

Se a complexidade oferece a lente para entender a natureza sistêmica e emergente do fenômeno, o interpretativismo fornece o fundamento para compreender como se constitui o conhecimento sobre esse fenômeno. A perspectiva interpretativista (ou construtivista/construcionista, dependendo da vertente, conforme Guba e Lincoln, 1994, 2005) se estabelece em oposição direta ao paradigma positivista, sustentando a pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada.

Sob o ponto de vista ontológico, o interpretativismo parte do entendimento de que a realidade social não é única nem objetiva, mas múltipla, dinâmica e construída intersubjetivamente pelos sujeitos em interação. Assim, os fenômenos investigados são concebidos como produções histórico-culturais, situadas e contingentes, cuja interpretação depende dos significados atribuídos pelas pessoas em contextos específicos. Epistemologicamente, essa perspectiva assume que o conhecimento é coconstruído no encontro entre pesquisador e participantes, num processo dialógico no qual as compreensões emergem da interação, e não de uma observação distanciada ou neutra. Reconhece-se, portanto, que toda investigação é atravessada por valores, experiências e posicionamentos dos envolvidos, exigindo reflexividade contínua.

Em termos metodológicos, o interpretativismo orienta o uso de procedimentos qualitativos voltados à compreensão profunda dos sentidos, práticas e experiências dos sujeitos. Instrumentos como entrevistas abertas, observação participante, análise de narrativas e descrições etnográficas permitem apreender a densidade e a complexidade dos fenômenos linguísticos e sociais. Em consonância com essa perspectiva, valoriza-se a “descrição espessa” Geertz (1973), a contextualização e a interpretação situada, priorizando processos, tensões e significados emergentes em detrimento de generalizações universais. Assim, a pesquisa em Linguística Aplicada orientada pelo interpretativismo busca compreender como práticas de linguagem, identidades, relações de poder e construções simbólicas se articulam nas experiências dos sujeitos, reconhecendo a pluralidade e a complexidade que caracterizam os contextos sociais contemporâneos.

3.1. PRESSUPOSTOS ONTOLÓGICOS E EPISTEMOLÓGICOS

O interpretativismo se alinha a pressupostos ontológicos e epistemológicos específicos (Schwandt, 2000), que trata da Ontologia (Natureza da Realidade), a ontologia interpretativista é relativista. A realidade social não é uma entidade objetiva, única e externa a ser descoberta, mas sim uma realidade múltipla, construída socialmente e situada. O que se estuda são as interpretações dos sujeitos.

Na perspectiva Epistemológica (Natureza do Conhecimento), a epistemologia é subjetivista/transacional. O conhecimento não é uma "cópia" da realidade, mas sim um produto da interação (transação) entre o pesquisador e o sujeito pesquisado. Não há separação entre sujeito (pesquisador) e objeto (pesquisado), e a subjetividade é vista como um recurso, não como um viés a ser eliminado.

Na Metodologia (como o conhecimento é produzido), a metodologia é hermenêutica-dialética. Busca-se a compreensão *verstehen* (compreender, entender e perceber), no contexto da sociologia, refere-se a uma abordagem metodológica de se colocar no lugar do outro para entender o significado subjetivo das ações e experiências, chamado de compreensão empática e a interpretação dos sentidos a partir da perspectiva do ator social. A análise é um ciclo hermenêutico que interpreta o texto, o contexto e o co-texto em um movimento de diálogo constante.

Essa base epistemológica exige que o pesquisador em LA abandone a busca por prescrições universais e se dedique à análise do sentido situado. Isso é perfeitamente exemplificado pelo conceito de descrição densa de Clifford Geertz (1997), que consiste em não apenas registrar o que é observado, mas em interpretar as estruturas de significado que informam as ações sociais. O trabalho do pesquisador interpretativista é, em essência, interpretar as interpretações dos sujeitos.

3.2. Procedimentos Metodológicos Operacionais

O interpretativismo fornece o arcabouço para o desenho da pesquisa qualitativa em LA, operacionalizando-se através de métodos específicos que valorizam a profundidade e a riqueza da experiência humana: Na Amostragem Intencional (AI), os participantes não são escolhidos aleatoriamente (como no positivismo), mas sim por seu potencial em fornecer informações ricas e aprofundadas sobre o fenômeno em estudo. Além da AI, a Etnografia e Microetnografia, de acordo com o trabalho de Frederick Erickson (1986), focado na microetnografia da sala de aula, torna-se uma técnica central. A observação participante e o registro minucioso dos episódios de interação são cruciais para captar a complexidade do cotidiano.

Na coleta de dados dialógica e reflexiva, em vez de instrumentos padronizados, o interpretativismo prioriza métodos que fomentem o diálogo e a reflexão: entrevistas semiestruturadas e narrativas, diários reflexivos dos participantes e do pesquisador, e o uso de dados multimodais. Na Checagem com Participantes (*Member Checking*), o retorno da análise aos sujeitos pesquisados para validação ou refino das interpretações não é apenas uma checagem de veracidade, mas uma reafirmação da natureza transacional do conhecimento, o participante é coautor da interpretação, trata-se da ética na pesquisa e o respeito às informações que foram coletas pelo pesquisador.

4. CONVERGÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS E IMPLICAÇÕES PARA O DESENHO DE PESQUISA EM LA

As abordagens interpretativista e da complexidade, quando articuladas, constituem uma matriz epistemológica integrada que amplia significativamente o potencial analítico da Linguística Aplicada Crítica (LAC). Embora provenientes de tradições distintas, ambas compartilham pressupostos que rejeitam visões lineares, universalistas e essencialistas da linguagem, reconhecendo-a como prática social situada e como fenômeno dinâmico, mutável e atravessado por múltiplas dimensões. A Complexidade convida o pesquisador a compreender a linguagem como sistema adaptativo, caracterizado por não linearidade, emergência, interdependência e sensibilidade ao contexto; o Interpretativismo, por sua vez, orienta a produção de conhecimento mediante a recuperação dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas experiências linguísticas, recusando a neutralidade e enfatizando a intersubjetividade como campo de construção do real.

A convergência entre esses paradigmas não se limita à justaposição de conceitos, mas configura uma síntese operatória que reorganiza o próprio modo de conceber e conduzir pesquisas em LA. Enquanto a Complexidade demanda uma visão abrangente capaz de captar padrões, fluxos, reorganizações e tensões do sistema, o Interpretativismo assegura que tal visão seja construída a partir de dados densamente contextualizados, interpretados em sua historicidade e orientados pela perspectiva dos participantes. A intersecção entre ambos conduz, portanto, a uma postura investigativa que privilegia a descrição densa, conforme proposta por Geertz, ao mesmo tempo em que mobiliza ferramentas analíticas voltadas à identificação de regularidades emergentes e comportamentos auto-organizados, como sugerem os estudos de Larsen-Freeman sobre sistemas linguísticos dinâmicos.

Outro ponto central dessa convergência é a incorporação da abertura à incerteza, característica fundamental do pensamento complexo em Morin. Tal abertura desafia o pesquisador a acolher contradições, ambiguidades e rupturas como elementos constitutivos do fenômeno, abandonando a busca por causalidades simples e relações deterministas. A pesquisa passa, assim, a ser concebida como processo iterativo, recursivo e reflexivo, no qual perguntas, métodos e interpretações são continuamente revisados à luz dos dados e das interações.

As implicações dessa matriz epistemológica para o desenho de pesquisa em LA são amplas. Ela estimula a adoção de procedimentos qualitativos flexíveis, que combinem observação prolongada, produção de narrativas, registros multimodais e análise de interações, de modo a capturar a complexidade das práticas de linguagem em sua materialidade social. Implica também reconhecer o pesquisador como agente inserido no sistema investigado, cuja

presença, escolhas e interpretações contribuem para a própria emergência dos significados analisados. Por fim, demanda que os resultados não sejam apresentados como verdades generalizáveis, mas como construções situadas, capazes de iluminar processos, relações e tensões que caracterizam os contextos sociolinguísticos estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre o interpretativismo e o paradigma da complexidade no campo da Linguística Aplicada não representa apenas uma preferência teórica, mas configura uma exigência epistemológica decorrente da própria natureza do fenômeno da linguagem na sociedade contemporânea: instável, situada, plural, dinâmica e atravessada por múltiplos sistemas de significação. Ao longo deste ensaio teórico, argumentou-se que a convergência entre o relativismo ontológico do interpretativismo e os princípios não lineares, dialógicos e recursivos que definem a complexidade cria um arcabouço sólido para uma Linguística Aplicada indisciplinar, capaz de responder às demandas de um mundo marcado pela diversidade e pela imprevisibilidade dos usos da linguagem.

O principal contributo deste trabalho reside na explicitação de como tais pressupostos podem ser operacionalizados em diretrizes concretas para o desenho da pesquisa qualitativa, expressas nos Princípios Operacionais (PO) propostos. Ao adotar esses princípios, o pesquisador desloca-se de visões deterministas, universalistas ou essencialistas de linguagem e passa a assumir uma postura investigativa que reconhece a emergência, a contingência e a interpretação situada como elementos constitutivos da realidade sociolinguística. Nesse enquadramento, a linguagem é compreendida como um Sistema Adaptativo Complexo (CAS), cujos padrões de funcionamento só podem ser apreendidos por meio de uma abordagem hermenêutica que privilegia os significados produzidos intersubjetivamente pelos agentes envolvidos no fenômeno.

Ainda que este ensaio ofereça uma base teórica consistente, é necessário reconhecer suas limitações. Por se tratar de uma reflexão teórico-argumentativa apoiada em revisão narrativa, as delimitações aqui estabelecidas refletem escolhas bibliográficas inevitavelmente parciais e sujeitas a revisões futuras. A consolidação de uma matriz interpretativista-complexa demanda aprofundamentos empíricos que testem, tensionem e refinem os princípios apresentados, permitindo avaliar sua aplicabilidade em contextos variados de pesquisa em Linguística Aplicada.

Nesse sentido, abrem-se promissoras agendas para investigações futuras. Entre elas, destacam-se: (i) estudos de caso longitudinais que examinem processos de auto-organização da linguagem em salas de aula concebidas como ecossistemas complexos; (ii) pesquisas voltadas à formação docente que incorporem procedimentos reflexivos — como diários, narrativas autobiográficas e estratégias de *member checking* — para captar a coconstrução de sentidos ao longo do processo formativo; e (iii) análises que explorem a aprendizagem de línguas como fenômeno emergente, sensível a interações, contextos e trajetórias individuais, em contraposição a modelos lineares ou cumulativos de aquisição.

Em síntese, ao mobilizar conjuntamente os aportes do interpretativismo e da complexidade, a Linguística Aplicada reafirma seu compromisso com uma prática investigativa ética, sensível e politicamente situada. Trata-se de um movimento que amplia sua capacidade de compreender a pluralidade dos sujeitos, de interpretar processos de linguagem em sua densidade sociocultural e de intervir, de forma crítica, nos desafios que atravessam os contextos educativos e sociais contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

DAVIS, Brent; SUMARA, Dennis. *Complexity and education: inquiries into learning, teaching, and research*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2006.

ELLIS, Nick; LARSEN-FREEMAN, Diane (Eds.). *Language as a Complex Adaptive System*. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2009.

ERICKSON, Frederick. Qualitative methods in research on teaching. In: WITTROCK, M. C. (Ed.). *Handbook of Research on Teaching*. 3. ed. New York: Macmillan, 1986. p. 119-161.

FABRÍCIO, Branca Falabella. A pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: um percurso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 49-84.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. (Obra original publicada em 1983).

GEERTZ, Clifford. (1973). *The Interpretation of Cultures*. New York: Basic Books.

GUBA, Egon G.; LINCOLN, Yvonna S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1994. p. 105-117.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. *Complex Systems and Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Linguística aplicada na modernidade recente*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (org.). *Por uma Linguística Aplicada INdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. Organização de Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis Carvalho. Tradução de Edgard de Assis Carvalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Tradução do francês: Eliane Lisboa. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2005.

PENNYCOOK, Alastair. *Critical Applied Linguistics: A Critical Introduction*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

SCHWANDT, Thomas A. Three epistemological stances for qualitative inquiry: interpretivism, hermeneutics, and social constructionism. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). *Handbook of Qualitative Research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2000. p. 189-213.

SILVA, Ana Lúcia Rocha; FARIA, Maria da Graça dos Santos; ARAÚJO JÚNIOR, João da Silva (Org.). *Estudos da linguagem: instrumentos teóricos e metodológicos*. São Luís: EDUFMA, 2021.